

O LADO PITORESCO DA VIDA NAVAL

As histórias aqui contadas reproduzem, com respeitoso humor, o que se conta nas conversas alegres das praças-d'armas e dos conveses. Guardadas certas liberdades, todas elas, na sua essência, são verídicas e por isso caracterizam várias fases da vida na Marinha.

São válidas, também, histórias vividas em outras Marinhas.

Contamos com sua colaboração. Se desejar, apenas apresente o caso por carta, ou por *e-mail*.

ESTRANHO NO NINHO DA DRAGÃO XXV

O dia amanheceu ensolarado neste início de primavera. No entanto, como em qualquer primavera, as nuvens depois do meio-dia começaram a se apresentar, desestimulando a permanência na Praia de Santos.

Como um veterano capitão de mar e guerra que se preze, fiquei triste por deixar o meu lazer praiano e me recolhi ao escritório caseiro, onde, por vezes, busco as agradáveis lembranças da vida ativa de aviador da qual desfrutei, sempre próximo ao mar, seja na Marinha ou nas atividades civis, como piloto privado de executivos com pouso em iates ou como piloto comercial de uma empresa *offshore*.

Dedicava a minha tarde chuvosa dominical à organização da minha documentação pessoal quando me deparei com um “diploma” assinado pelo comandante da Divisão Anfíbia. Curioso e intrigado, já que não sou Fuzileiro Naval (FN), busquei

a razão do documento e li: “(...) por sua participação na Operação Dragão XXV”.

O documento, datado de 1989, estava assinado por Lindberg Campos da Silva, contra-almirante, comandante.

A partir desse momento, acendi um cigarro e relaxei no sofá do escritório. Forçando as lembranças de tal evento, do qual eu havia realmente participado, num período um tanto diverso da minha vida profissional (que só a Marinha pode nos proporcionar), agora o descrevo:

Em 1989, eu era um capitão de corveta, promovido havia um ano, quando recebia 17 helicópteros (11 UH-13 Esquilos Bi e seis UH-14 Super-Puma), fazendo parte do Grupo de Fiscalização e Recebimento de Helicópteros na França (GFRHF). Depois de dois anos trabalhando na Aérospatiale (hoje Airbus), em Marignane, França, voltamos ao Brasil, quando fui designado “encarregado

das aeronaves francesas” do Departamento de Material da Diretoria de Aeronáutica da Marinha (DAerM). Um dia fui chamado à sala do meu chefe de departamento, Capitão de Fragata Jean Cristoph, que transmitiu a ordem para eu me apresentar à Divisão Anfíbia dos Fuzileiros Navais para participar da Operação Dragão XXV como Controlador Aéreo Avançado (CAA).

Tal fato me surpreendeu na época, porque minha experiência aérea operativa era com as aeronaves SAH-11 Lynx de ataque embarcadas em fragatas, mais afetas a operações marítimas e pouco utilizadas em Operações de Desembarque Anfíbios (domínio dos Fuzileiros Navais). Fiquei feliz por ter oportunidade de voltar, após dois anos, a uma atividade operativa.

Sem discutir, pensei: “missão dada é missão cumprida. Vamos à luta!”.

Procurei estudar o assunto com mais profundidade antes de me apresentar à Divisão Anfíbia, na Ilha do Governador.

Lá chegando, durante a apresentação, recebi todo o material necessário à minha momentânea atividade militar: uniforme completo camuflado, capacete, *kit* de sobrevivência com rações e água para alimentação, além de um coldre com uma pistola 45. Foi determinado que eu me apresentasse à Companhia comandada pelo Capitão de Corveta (FN) Ítalo.

Mesmo me sentindo um estranho no ninho, fiquei feliz em saber quem seria o meu comandante quando a “guerra” começasse: o Comandante Ítalo, meu amigo e colega de turma (profissional extremamente competente).

– Barreira! ... o que está fazendo aqui? – estas foram as primeiras palavras do meu amigo Ítalo, na porta da sala de comandante de Companhia.

– Serei seu CAA na Dragão, meu comandante! – respondi, antes de me aproximar para um forte abraço.

Estranhei quando ele, com ar preocupado, disse:

– Não vai rolar... Você é mais antigo que eu, e não pode receber ordens de um comandante mais moderno!

Isso era verdade por um detalhe administrativo. Todo oficial do Corpo da Armada é mais antigo que qualquer oficial do Corpo de Fuzileiros Navais, mesmo sendo da mesma turma, no mesmo posto e com promoção no mesmo dia, como era o caso.

Um clima de suspense se instalou por alguns segundos entre nós até que eu disse:

– Acho que eu dormi na aula que disseram isso... Portanto, quais são minhas ordens, meu comandante?

O gelo da teoria derreteu e partimos para a prática.

Soube que teria instrução e treinamento rápido de desembarque por meio de rede de cabos instalada no G-16 (Navio de Transporte de Tropas *Barroso Pereira*), onde estaríamos embarcados até o início da Operação, em Itaoca (ES).

Depois de alguns treinamentos e instruções, recebi as cartas que seriam as ferramentas da minha atividade de controlador das aeronaves envolvidas. Fui apresentado ao fuzileiro que seria a minha “sombra”, portando o pesado equipamento rádio/antena com o qual eu me comunicaria com as aeronaves. Comecei a gostar dessa nova experiência. Tivemos um *briefing* detalhado e partimos para embarque no *Barrosão*, atracado em Mocangüê.

Embarcamos, e a Força de Desembarque, composta de vários navios, deixou o Rio de Janeiro.

Chegamos a Itaoca de madrugada com nosso navio sem iluminação, assim como todos os outros. O silêncio e a ansiedade imperavam a bordo. Era um clima tenso. A Operação de Desembarque Anfíbio é

muito complexa e envolve grandes riscos, sendo real ou de treinamento. A Dragão XXV não seria diferente.

Chegou o momento do desembarque noturno, quando nos reunimos no convés principal do *Barroso*. A escuridão e o silêncio só eram interrompidos pela espuma do mar quebrando no costado do navio e pelo barulho dos motores das Lanchas de Desembarque Pequenas (LDP), que se movimentavam, se aproximando dos navios.

Quando a LDP que nos levaria à praia se aproximou da rede estendida pelo costado do navio, preparei-me para iniciar o transbordo. Assim que o Comandante Ítalo ordenou o início do transbordo, por ansiedade, antecipei-me e agarrei a rede, que ainda não estava perfeitamente esticada devido ao balanço do mar sofrido pela LDP. Foi um momento de tensão na escuridão, quando ouvi a voz do Ítalo, incisivo, no convés:

– Vocês vão deixar o comandante ir sozinho na frente de vocês, fuzileiros!?

Ato contínuo, olhei para cima e comecei a ver vários fuzileiros, armados de seus fuzis, ultrapassando a borda e tentando me alcançar na rede. Cheguei ao fim da rede, preparei-me para saltar no convés da LDP, que balançava ao sabor das marolas, golpeando o costado do navio. Lembrei-me dos meus tempos de veleiro na Escola Naval, quando fazíamos transbordo entre barcos em situação semelhante, aguardei o melhor momento e me atirei no convés da lancha com sucesso. O marujo patrão da lancha se assustou ao me segurar, percebendo a “bilola” de CC (CA) presa na gola do meu camuflado, e perguntou:

– Tudo bem, chefe? Seja bem-vindo a bordo!

Não esperou minha resposta, prestou uma rápida continência e se concentrou no embarque atribulado dos outros integran-

tes da Companhia. Com todos a bordo, a rede foi recolhida, e o marujo patrão se distanciou do navio nos conduzindo para a área de espera junto às outras lanchas.

Ficamos aguardando organização em linha da vaga de ataque. Nesse momento de silêncio, percebi um burburinho entre os fuzileiros agachados na lancha, se protegendo dos tiros inimigos que estavam por vir durante o avanço para a praia. Curioso, perguntei ao marujo patrão:

– O que os navais estão cochichando?

– Estão rezando, chefe. O desembarque na praia é perigoso se a LDP pesada encalhar antes de chegar à areia e a tampa for aberta ainda na água... Dependendo da profundidade, eles podem se afogar carregando tanto peso. É melhor rezar!

Fiquei preocupado.

– Marujo, não quero molhar o meu *boot*. Portanto, dá um jeito de botar essa lancha em terra! – disse ao marujo patrão.

– Deixa comigo, chefe! – foi a resposta, quando percebi ele acelerando depois de cruzar a rebentação.

Quando sentimos a desaceleração com contato abaixo do casco, a rampa foi aberta e todos começaram a correr. Eu fui o último a deixar a embarcação, dando um tapinha nas costas do marujo como despedida e agradecido. Saí da LDP pisando na areia fofa sem molhar o *boot*. Cruzei a faixa de areia no escuro e me “ferrei” ao solo mais consistente, imitando os fuzileiros à minha frente. Senti uma vegetação espinhosa, que depois identifiquei como uma plantação de abacaxi.

Fiquei parado entre os abacaxis, ao lado do meu “Sombra”, aguardando ordens.

O nascer do sol despontava os primeiros raios de iluminação naquele dia que prometia ser emocionante.

O Comandante Ítalo se aproximou rastejando para me dar um *brieffing* dos

próximos passos. Apontou a silhueta de uma grande caixa d'água no horizonte, no alto de uma colina.

– Aquele é o nosso objetivo a ser conquistado. Vamos nos posicionar próximos aos outros pelotões desembarcados. Para tal, nos deslocaremos rastejando até o ponto de encontro. De lá, passarei as posições que devem ser bombardeadas... e aí, você assume o controle das aeronaves que iniciarão o ataque. Alguma dúvida?

– Nenhuma! – foi a minha resposta incisiva olhando para a distante caixa d'água, nosso objetivo.

Nos rastejamos entre abacaxis até o ponto de encontro. Nos reunimos aos outros fuzileiros, quando houve um tempo para planejamento de táticas para o ataque final entre os comandantes. Era hora de descansarmos e de nos alimentarmos. Descobri que havia duas latas contendo rações. Uma delas era uma “deliciosa feijoada”, e a outra uma “nem tanto deliciosa gororoba”. Propus uma barganha de rações entre mim e o Sombra. Ele aceitou de bom grado. Eu fiquei com a feijoada dele, e ele com a minha gororoba.

As posições de bombardeamento chegaram. Era hora de trabalhar. Em 1989, o GPS ainda não era um equipamento disponível. Assim, as posições geográficas foram transmitidas via rádio, codificadas, para o comandante do UH-14, a bordo de uma das plataformas marítimas que aguardavam. Depois de “decodificadas”, as coordenadas seriam inseridas no Computador de Navegação Inercial do Super Puma, que eu havia recebido há um ano na França, e o ataque aéreo seria executado com precisão.

O ataque foi realizado com sucesso, diminuindo a resistência inimiga ao nosso avanço por terra.

O dia chegava ao fim. O ataque inicial à caixa d'água se iniciou onde havia a resis-

tência final da defesa, do figurativo inimigo. Ao final do dia, a caixa d'água foi conquistada, e a cabeça de praia foi estabelecida!

Meu cantil já estava vazio. Fui até o objetivo conquistado para enchê-lo, junto ao Comandante Ítalo. Próximo a uma torneira, havia um pequeno cartaz que dizia: “Água contaminada pelo figurativo inimigo”.

Quando fiz menção de encher meu cantil, o Ítalo se manifestou:

– Você vai beber essa água?

– A Operação Dragão já terminou? – perguntei a ele.

– Já. Nós conquistamos nosso objetivo. Só falta fazermos o reembarque da tropa de fuzileiros amanhã, ao nascer do sol – ele respondeu.

– Então, tá bom! O CAA trouxe um purificador de água desenvolvido nos meus dois anos como chefe de máquinas do NaPaFlu *Roraima* bebendo água de todos os rios amazônicos. Fica tranquilo.

Montamos acampamento, comi minha ração de feijoada, bebi um gole da minha água purificada e me recostei dentro da minha barraca, ao lado do Sombra.

– Valeu, Sombra! Obrigada pelo apoio. Bravo Zulu!

Dormi feliz com a experiência vivida. Pouco tempo depois, ainda escuro, levantamos acampamento e nos deslocamos, sem rastejar, para a cabeça de praia estabelecida. Ao nascer do sol, as LDP de reembarque nos recolheram.

No meu regresso à DAerM, apresentei-me ao chefe do Departamento de Material, Capitão de Fragata Jean Cristoph.

– Missão cumprida, chefe! O estranho no ninho da Dragão XXV está regressando vitorioso. *Adsumus!*

José Luiz Barreira Batista
Capitão de Mar e Guerra (Ref[®])